

## APRESENTAÇÃO RIAE SEGUNDA EDIÇÃO: DOSSIÊ CORPO EM MOVIMENTO: sentidos invisibilizados/ corpos em luta.

Adrianne Ogêda Guedes  
Livia Lage  
Lea Tiriba

As epistemologias do Sul não aceitam o esquecer do corpo porque as lutas sociais não são processos que se desenrolam a partir de *kits* racionais. São produtos de *bricolages* complexas nas quais o raciocínio e os argumentos se misturam com emoções, desgostos e alegrias, amores e ódios, festa e luto. As emoções são a porta que dá para o caminho da vida e são esse mesmo caminho na luta. E os corpos estão tanto no centro da luta como as lutas estão no centro dos corpos.(...) Os corpos que resistem são muito mais do que a luta, e a luta, por sua vez, abarca muito daquilo que geralmente se crê existir fora dela, seja a dança, o teatro, a música, o sono, o amor. Os corpos mobilizam diferentes capacidades de lutas diferentes ou em diferentes momentos da mesma luta: às vezes capacidades das pernas, da mão, depois, do ouvido, da voz ou do nariz. (Boaventura de Souza Santos em *Corpo, conhecimentos e corazonar*, 2019, p. 138/139)

Boaventura nos convoca a pensar nos saberes que são constituídos a partir de outras matrizes e experiências que não as exclusivamente racionais. Saberes produzidos por grupos minoritários, cujos corpos e vidas são muitas vezes excluídos e considerados fora da curva, tendo seus sentidos e experiências invisibilizados.

Nessa edição temos um conjunto de artigos, resenhas, relatos de experiências, produzidos por autores de diferentes campos do conhecimento e distintas localidades do país (e fora dele!), que, olhando para esses corpos e saberes que subvertem as lógicas estabelecidas, nos convocam a pensar sentidos outros de existência: mais amplos, democráticos, enraizados nos saberes da experiência, atravessados por histórias, contextos específicos de vida. Desse modo, abrindo espaços para ouvirmos vozes silenciadas nos cotidianos e para apreciarmos dimensões da existência que geralmente somem na sombra do que se ilumina.

Uma coletânea de trabalhos que falam do diverso, do altero, do não igual, que desarticulam as lógicas daqueles que, por meio de perspectivas ordinárias, buscam na semelhança o reconhecimento da legitimidade em existir, ser, fazer. Entretanto, o excesso de semelhança parece estar embrutecendo o humano (HAN, 2015), do mesmo modo que uma monocultura desertifica o solo de onde extrai sempre os mesmos componentes e deixa a paisagem monótona.



2020 **Ogêda; Lage; Tiriba** Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

Assim, cabe perguntar qual ideia de humanidade estamos a construir? Krenak (2019), discorre sobre essa questão e mostra que temos formulado determinada noção de humanidade, que vem permitindo a (auto)seleção de grupos de humanos legítimos que participam de um “clube da humanidade” e outros tantos grupos que ficam de fora. Quais seriam os critérios de pertencimento ou exclusão do clube?

Os textos desta edição dão visibilidades à pessoas-corpos marginalizados - negros, com deficiências, favelados, crianças etc.. Pessoas que, de alguma forma, não têm de antemão a carteirinha de pertencimento ao clube da humanidade e que, por isso quando existem e resistem provocam a invenção de propostas educacionais que fogem a lógica e uma pedagogia tutelada, que buscam nas experiências singulares, calcadas nas vidas, e nos encontros, a visibilidade de suas formas e expressões.

Ressaltamos, com isso, a dimensão política de se pensar o corpo no processo educacional, de questionar a desvalorização do mesmo na produção de conhecimentos válidos, de desafiar a dinâmica do sempre igual. Mobilizando suas formas, o corpo se manifesta e se apresenta. Talvez essa seja a capacidade do corpo de mobilização de diferentes lutas, como disse Boaventura no trecho acima.

Cabe, então, compartilhar o pensamento de Krenak: “Por que insistimos tanto e durante tanto tempo em participar desse clube, que na maioria das vezes só limita a nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade?” (Krenak, 2019, p. 13). E, acrescentamos, limita também a nossa mobilização política.

Os trabalhos aqui presentes nos convidam a refletir sobre outra humanidade. Vamos a eles!

No ensaio *Em defesa de um corpo-potência: notas sobre educação e política*, as autoras Malavolta, Rigue e Biazus, valem-se da contribuição de Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari, Giorgio Agamben e Baruch de Espinosa, Preve e Corrêa (s/a) que a partir de seus conceitos teóricos, favorecem o alargamento da compreensão sobre possíveis problematizações e tensionamentos diante da potência criativa, crítica, performativa e política do corpo no âmbito educacional. Pensam um corpo-potência enquanto corpo ativo, como força que opera para produção de um ser humano mais ético e menos fragmentado, mais implicado e menos indiferente. Defendem, na perspectiva espinosana, uma relação de paralelismo entre corpo-mente, rompendo com o dualismo que, afirmam, “parece aprisionar o corpo dentro dos espaços educacionais”. Desse modo, o corpo-potência, em sua autonomia e paralelismo em relação à mente, a partir de seu modo de funcionar próprio, não pode mais ser colocado à serviço da

mente, da produtividade do ambiente educacional, mas sim é pensado como um território produtor de novas/outras realidades a serem aprendidas. Com essas ideias os autores buscam construir um pensamento que permita atentar para uma vivência da corporeidade no contexto escolar, além das fronteiras da escola tradicionalmente estabelecida.

Em *Corpos singulares; autobiografia, decolonialidade e educação somática no ensino da dança*, Baldi, Santos, Mors e Neujahr dos Santos, professora e artistas da dança, apresentam a investigação do Grupo de Pesquisa (Es)(Ins)critas do/no Corpo (Corpografias) do Curso de Dança-Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria. O projeto desenvolve procedimentos para a Dança com a utilização da Autobiografia, Decolonialidade e Educação Somática. Nesse artigo as pesquisadoras apresentam alguns achados de suas experimentações realizadas em projetos sociais e escolas. Sublinham a potência das práticas propostas para a ampliação do sentido de pertencimento e de afirmação de uma democracia corporal que favorecem a construção de sujeitos autônomos e críticos, em confronto com colonialidades construídas.

No texto *Corpo em movimento: produção das normalidades e as astúcias criadas pelo corpo*, Bruna Pontes convida o pensamento a dançar e, nesses passos, incita algumas reviravoltas. A autora questiona a produção social da normalidade e da anormalidade. Suas reflexões são desencadeadas ao observar a dança dos bailarinos do grupo de dança sobre rodas Corpo em Movimento e registrar em *biographemas* as impressões que os encontros com grupo lhe provocam. Essas escritas permeiam o texto e se mesclam à elaboração teórica que versa sobre danças e corpos plurais. Modos de existir e resistir à normatização que opera sobre todos.

O trabalho intitulado *O corpo como espaço e no espaço: mapeamentos para se pensar a inclusão*, de Renato de Sena Vieira, revela a dança como meio não convencional para ampliar as possibilidades relacionais -tanto nas interações intersubjetivas quanto com os espaços- o que se mostra especialmente oportuno ao lidar com pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no espaço institucional escolar, ambiente geralmente excludente. Assim, seu texto aborda a temática da inclusão do ponto de vista de um educador em dança, e relata uma experiência concreta de trabalho com uma criança autista em aulas de dança que o leva a compreender o movimento como importante mediador das relações, uma vez que são compreendidos como ação criativa e interativa. O corpo, por sua vez, é tido como território a ser habitado por si mesmo e respeitado pelo outro.

Maria Ignez Calfa e Ruth Torralba tematizam suas experiências docentes no artigo *Pensamento e movimento no estudo da corporeidade*. A partir da compreensão da sala de aula

como um espaço afetivo, que denominam de “sala de visitas”, se propõem a tecer, no campo da dança, através de uma perspectiva aberta às diferenças, a valorização do estudo da corporeidade, apostando na ética e na poética no processo de ensino-aprendizagem. A partir de uma experiência com estudantes de um curso de bacharelado em dança, trazem à cena uma proposta de educação que se interessa pela corporeidade, em que a arte de educar evidencia na dimensão sensível sua potência política. Visam desse modo encontrar na ação “disciplinar” outros modos de produção de conhecimento, criando redes e tecendo conexões entre saberes.

*Os corpos na Educação Infantil: (im)potências e (fragment)ações?* de Michelle Ferreira e Edilane Silva, estabelecem uma relação entre formação docente, infância e corpo, articulada com suas experiências como professoras de duas instituições públicas municipais do Rio de Janeiro. Inspiradas na pesquisa de mestrado em desenvolvimento e ancoradas no campo teórico do grupo de pesquisa que integram desde 2014, discutem como os corpos vêm sendo vivenciados nas instituições de Educação Infantil, destacando de que modo a formação docente impacta/afeta a formação das crianças e o olhar para suas expressões e corporeidade.

Rogério da Silva e Celiane dos Santos em *Brincadeira, Corpo e Movimento: relatos de pesquisas sobre o uso das áreas externas na Educação Infantil* discutem dados de duas pesquisas realizadas em Fortaleza e Belo Horizonte que abordaram o uso das áreas externas e o brincar em escolas de Educação Infantil. O estudo de Santos (2015), se vale da observação participante e dos desenhos com histórias[i] (D-E) produzidos pelas crianças entrevistadas. Na pesquisa de Silva, Zoberi e Sintobi (2016), desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), os elementos trabalhados são as fichas de observação das brincadeiras das crianças num parque de brinquedos e o estudo dos desenhos das crianças. Analisando os diferentes contextos investigados, os autores observaram a desvalorização no uso dos espaços externos pelas escolas em contraste com os desejos e necessidades das crianças e sublinham a presença de posturas *adultocêntricas* por parte das professoras nas imposições de brincadeiras às crianças, nas tentativas de regulação dos corpos, espaços e materiais disponíveis nas áreas externas das instituições. As pesquisas também revelaram as tentativas de resignificação e problematização dos usos destes mesmos espaços.

O artigo *Infância, natureza e afetos: o “desemparedamento” e as vivências no pátio da Educação Infantil do Colégio de Aplicação da UFRJ* de Raiane Thomaz investiga e reflete sobre crianças, corpos, natureza e “desemparedamento” por meio de uma pesquisa-ação, no pátio da Educação Infantil do Colégio de Aplicação da UFRJ. O trabalho tem por base os estudos em Psicomotricidade, Educação e Filosofia, entrelaçando as experiências observadas e a teoria

dos autores que se debruçam sobre as questões que a pesquisa abarca. A pergunta ‘*como as crianças experienciam o pátio?*’ impulsionou a investigação da autora e sua entrada no campo, onde novas questões emergiram. A autora destaca a potência de lançar o olhar para as crianças brincando na natureza, que possibilitou a compreensão da construção do conhecimento significativo, que deixa marcas no corpo e permite descobrir o caminho e aventura de experimentar o mundo.

O que acontece quando as crianças brincam livremente com água, terra, folhas, sementes, gravetos e outros elementos da natureza na escola? Essa questão atravessa o trabalho de Katia Bizzo Schaefer - *Corpos de terra, corpos de água: por uma identidade terrena no ambiente escolar* - que problematiza o modo como os fazeres escolares acabaram por assimilar e reproduzir uma perspectiva antropocêntrica moderna que se relaciona com a natureza como algo extrínseco ao humano. Sua experiência pedagógica, vem possibilitando desconstruir os argumentos que inibem um contato mais direto e sensorial das crianças e professores com a natureza, ao mesmo tempo que tem nutrido sua busca por novos parâmetros teóricos e práticas que afirmam a necessidade e sanidade dessa reaproximação a fim de que o desenvolvimento humano se dê de maneira integrada, empática e comprometida com uma cosmo percepção de pertencimento comum humano/natureza.

No trabalho *A Dança na prática pedagógica com criança: olhares e reflexões de uma professora em formação*, Daiana Camargo e Patrícia Taborda Galvão problematizam como a dança é utilizada nas práticas pedagógicas de professoras de Educação Infantil. Para tanto, apresentam uma pesquisa realizada com treze professoras regentes e duas professoras especialistas em dança a respeito de suas percepções sobre a dança no processo educacional das crianças de 0 a 5 anos de idade. A partir dos achados, as autoras problematizam a escassez da temática do corpo e o movimento - e especificamente a dança- no processo formativo de professores que lidam com crianças dessa faixa etária e apontam para o que constatarem ser uma funcionalização do ensino da dança na Educação Infantil: dança como recurso para o corpo numa perspectiva dicotomizada.

Em *Educação do corpo no ensino fundamental: reflexões a partir do cotidiano de uma escola pública*, Bargas, Ayoub, Assaritti e Scarazzatto, apresentam a pesquisa realizada em uma escola estadual de Campinas/SP, cujo objetivo foi refletir sobre a educação dos corpos nos espaços-tempos do cotidiano escolar. Observam não apenas as práticas educativas de controle das manifestações corporais e da gestualidade das crianças presentes na escola, mas também

destacam as brechas no cotidiano em que é possível escapar, crianças e professores, dos mecanismos de controle, estabelecendo outras relações no contexto escolar.

(luz, câmera) *Ação!* - *A experiência de criação cinematográfica no espaço escolar movimentando corpos e saberes*, de Daniele da Silva, apresenta uma reflexão realizada a partir de uma prática de produção fílmica no contexto escolar ligada a um Projeto de Extensão, e registra as experiências de deslocamentos cognitivos e físicos vivenciados pelos participantes, indicando a possibilidade de (re)invenção de si e da escola via experimentação sinestésica do cinema. A Pedagogia da Criação (BERGALA, 2008) e as considerações sobre cinema e educação propostas por Fresquet (2013) subsidiam as reflexões da autora.

A bailarina, coreógrafa e pesquisadora do corpo e do movimento, Dani Lima, em seu artigo *Body-Mind Centering- Aprendizagem de um corpo vibrátil*, que faz parte de sua pesquisa de doutorado, intenta elucidar uma possível epistemologia das práticas somáticas, pondo em destaque o método Body-Mind Centering™ (BMC) e relacionando-o a conceitos e práticas afins. A partir dos escritos de Bonnie Bainbridge Cohen, relacionando-a ao conceito de corpo vibrátil, proposto por Suely Rolnik, a autora reflete sobre uma dada concepção de aprendizagem. Assume aqui o desafio de dizer em palavras um acontecimento que “ (...) é da ordem de uma experiência pré-significante, relacionada ao não-saber, a vivências de um corpo de sensações celulares”. Desse modo busca identificar modos de existência próprios do BMC e catalisá-los para a germinação de uma poética performativa cênica e de uma narrativa escrita.

No artigo *A palavra como campo de força*, a diretora teatral e atriz Ana Kfourir, tendo como interlocutores Gilles Deleuze e Valère Novarina, propõe que se pense a palavra e o corpo em tensão e relação. Discorre sobre a importância de buscar novas práticas pedagógicas e artísticas, em que palavra e corpo sejam conectados a um campo intensivo no qual prevalecem “a intensidade em vez da intenção, o acaso no lugar de encadeamentos causais e evolutivos, o ritmo, a oralidade, a sonoridade e os significantes em vez de um fechamento de sentidos”. Kfourir intenciona uma abertura para a multiplicidade de possibilidades de pensar o pensamento, a partir da ideia de que “*Pensamento é criação, não vontade de verdade, como Nietzsche soube mostrar*” (DELEUZE, 1992, p. 73), fugindo assim da necessidade de obter a segurança de compreensão das coisas. Sua experiência na direção de uma peça nos conta de sua busca nesse campo.

Silvia Soter e Gabriel Lima apresentam o artigo *Construção de sujeitos corporais e práticas antiracistas na Escola Livre de Dança da Maré* onde refletem sobre a constituição de sujeitos corporais a partir de relatos de um professor, autor do artigo, e de estudantes da Escola Livre de Dança da Maré — ELDM sobre suas interações com as forças de segurança pública do

Estado. Apoia-se nos pressupostos de Kilomba (2019) e de Fanon (2008) para o reconhecimento das marcas infligidas pelo racismo cotidiano na formação do esquema corporal de indivíduos negros no território da Maré, no Rio de Janeiro. Observam que a criação de espaços para debate e reflexão sobre as questões como o racismo e violência - presente nos processos pedagógicos da ELDM-, vividas de perto pelos integrantes do projeto, têm sido estratégias efetivas de educação antirracista para a formação corporal de indivíduos mais conscientes e críticos em relação às questões raciais e sociais às quais estão submetidos.

Em *A potência do corpo e da corporeidade nas práticas e vivências educativas* Mariana Alonço Lopez-Lopez e Graciele Galdino tecem reflexões sobre as práticas escolares convencionais e questionam o silenciamento do corpo por elas promovidos. As autoras visam articular de que maneira as potencialidades do corpo poderiam emergir como elemento importante nos processos de ensino-aprendizagem. Entendem ser necessário desenvolver certa qualidade de observação capaz de capturar as manifestações do corpo e as múltiplas linguagens expressivas dos sujeitos em formação a fim de tornar a relação com a aprendizagem mais prazerosa e significativa. Trata-se de promover e permitir o despertar da corporeidade nos processos educacionais, a fim de fazer valer a potência do corpo.

## RELATOS DE EXPERIÊNCIA

No relato *Beleza Abayomi: experiência pedagógica envolvendo estética e identidade*, Doralice Palma e Silva aborda uma ação pedagógica desenvolvida no contexto escolar onde trabalha, cuja intenção foi evidenciar e valorizar a estética negra, bem como o papel social da mulher negra, desvelando e enfrentando os padrões culturais eurocêntricos fortemente introjetados como modelo de beleza socialmente aceito e que favorecem a marginalização da população negra, definindo seu lugar social. A autora desenvolve essa discussão e, por fim, narra como tal ação pedagógica, que culminou no desfile “Beleza Abayomi”, contribuiu positivamente não só na construção da identidade cultural, social e estética das crianças que participaram de tal proposta, como também de todos os que estavam envolvidos nesse projeto pedagógico que possibilitou o desdobramento concreto da temática em questão.

A partir de sua proximidade com o trabalho de Angel Vianna, Márcia Feijó escreve o relato: *Corpo e dança: Angel Vianna e a manutenção da sensibilidade* que versa sobre a *pedagogia corporal* inclusiva desenvolvida pela Mestra, cuja metodologia de ensino da dança

consiste em um trabalho educacional de sensibilização dos corpos e convite ao movimento para todos que desejam dançar, sem pré-requisitos ou expectativa de virtuosismos, mas com o forte interesse no desenvolvimento humano. Nesse sentido, a autora tece paralelos entre o trabalho de Angel Vianna na dança e as elaborações teóricas de Fayga Ostrower a partir das artes visuais, a fim de reforçar o vigor da arte no resgate de formas de educar que priorizam a dimensão sensível do humano e colaboram para a formação global da pessoa.

Em *Ensino de dança na Educação Infantil: o corpo e a ludicidade na construção do conhecimento*, Carla Verônica Trigo desenvolve um estudo sobre o ensino da Dança na Educação Infantil com o objetivo de compreender o fenômeno do protagonismo infantil e suas implicações na prática pedagógica. Seu campo de intervenção é o Projeto “Dança Criança!”, realizado no Centro de Referência em Educação Infantil do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro. Os resultados evidenciam que o projeto pedagógico em questão propicia à criança tornar-se protagonista da sua aprendizagem. O método baseia-se em uma mediação que considera a criança como sujeito ativo no processo de construção do conhecimento e utiliza estratégias que privilegiam a experiência lúdica e a descoberta da corporeidade.

Arnete de Almeida Faria, em *Linguagem, corpo e educação: uma criança em busca da própria fala*, narra o percurso de atendimento de uma criança que apresentava dificuldades no campo da linguagem, com uma gama de sintomas de difícil apreensão no qual ambos - terapeuta e paciente- transformam-se mutuamente. Tal percurso desafia sua clínica como fonoaudióloga e transpsicomotricista, e lhe permite desconstruir pressupostos de uma fonoaudiologia protocolar e normativa. Por meio da perspectiva complexa da transpsicomotricidade passa a considerar a linguagem não como expressão exclusiva da fala, mas do corpo e, ainda, do sujeito como um todo. O foco na intersubjetividade cultivada a cada encontro com a criança, permitiu desdobramentos únicos nessa experiência clínica singular relatada no texto da autora.

## RESENHAS

Patrícia Raposo e Maciana de Freitas e Souza apresentam a resenha da obra *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* de bell hooks. Nesse livro a autora apresenta uma análise crítica da prática pedagógica tradicional e ressalta a importância do fazer educativo com vistas a autonomia dos sujeitos sociais, tendo como base o referencial teórico do educador Paulo Freire. Assim, propõe abordar as diferentes disputas de sentidos acerca da Educação e o papel dos(as) professores(as) nesse processo. Desse modo propõe uma análise dos efeitos do

*Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 6, N.1- pág. 4-12 janeiro-abril de 2020: “Educação: Corpo em movimento II.” – DOI: 10.12957/riae.2020.47931*



colonialismo no campo educacional. Além disso, a autora enfatiza a perspectiva crítica e decolonial como um possível caminho para a promoção da liberdade. A leitura é conduzida por reflexões acerca da prática pedagógica como um lugar político e de resistência.

De acordo com a resenha do livro *Grupo Teatro do Movimento: um gesto expressivo de Klauss e Angel Vianna na dança brasileira*, poucas informações se tinha sobre o pioneirismo do Grupo, liderado por Angel e Klauss Vianna na década de 1970, no Rio de Janeiro; contudo o livro -resultado da pesquisa de mestrado de Marina Magalhães, defendida em 2017, sob orientação de Joana Ribeiro- incrementa os registros sobre o mesmo e apresenta um histórico do grupo, seus integrantes, sua originalidade em termos de pesquisa da dança e obras coreográficas e sua influência determinante no cenário da dança brasileira. A resenha também dá a ver o formato criativo da escrita do livro: apresentado em capítulos que são atos e intervalos, como um espetáculo.

Temas diversos que nos convidam a pensar o corpo em contextos igualmente diversos. Boa leitura!

## REFERÊNCIAS

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Corpo, Conhecimentos e Corazonar** in O fim do Império cognitivo, a afirmações das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019